

## Perfil do catolicão

---

O catolicão tem quase sempre mais de 30 anos. Na adolescência e na primeira mocidade o homem é generoso, idealista, impulsivo, *frondeur*. Raramente poderá ser um catolicão.

\* \* \*

O catolicão vai pontualmente à missa aos domingos (embora muitas vezes ignore o que se passa no altar). Contribui com uma pratinha para as despesas do culto, assina *A União*, confessa-se e comunga-se uma vez por ano, pertence a uma irmandade ou associação e discute política com o vigário.

\* \* \*

O catolicão recebeu a religião como se recebe de herança um terreno, uma apólice, alguns contos de réis. Sabe que sua religião é muito boa; mas não sabe por quê. Diante dos ataques nosso herói permanece mudo. Não exhibe nenhum

argumento. Ou então se irrita, fica vermelho, encolerizado, solta uns urros e abandona o campo declarando que religião “não se discute”.

\* \* \*

O catolicão não conhece, não estuda a Bíblia. “Essa coisa de Bíblia é para os protestantes...” Em vão a gente mostra ao nosso homem a encíclica de Bento XV, *Spiritus paraclitus*, onde o Papa insiste sobre o valor da palavra de S. Jerônimo: “Ignorar as Escrituras, é ignorar o próprio Cristo”; o catolicão dá de ombros, achando que a Bíblia é “muito complicada...”, e mergulha a cabeça no venerado jornal conservador, bússola infalível de suas opiniões.

\* \* \*

O catolicão, se não conhece a Bíblia, muito menos conhece a liturgia, que é a Bíblia encarnada e vivida. O catolicão geralmente desconfia do culto. Pensa que o culto é composto de cerimônias convencionais que poderão ser abolidas com a evolução dos tempos... Não sabe, por exemplo, que os Evangelhos, tendo sido escrito 30 anos depois da morte do Salvador, foram pregados, vividos nas reuniões das assembléias – igrejas –, na comunidade da fração do pão, e que a Igreja vem observando mística e historicamente esta continuidade litúrgica através dos séculos, pela qual nos sentimos irmanados aos primeiros apóstolos e discípulos, e por eles ao próprio Cristo.

\* \* \*

O catolicão lembra-se de Deus nos apertos, nos momentos decisivos de aflição – e quando tem dor de cabeça. Para o catolicão, Deus é cafiaspirina.

\* \* \*

O catolicão admira na Igreja a defensora das categorias secundárias – a ordem pública, a propriedade privada etc. Não lhe convém saber que a Igreja opina que a propriedade privada deve se estender a todos - e não a uma minoria gananciosa que baseia muitas vezes seus bens sobre as explorações dos mais fracos. Que a Igreja impõe limitações a essa mesma propriedade privada - e que admite, conforme a necessidade dos tempos, a coletivização de certas propriedades e de certos serviços públicos. O catolicão não quer saber das razões doutrinárias, teológicas, ou determinadas pela experiência histórica, que levam a Igreja a expor sua concepção da propriedade; porque as razões dele, catolicão, são as do estômago.

\* \* \*

O catolicão não se incomoda que a filha seja bolinada nos chás dançantes de caridade (proibidos pelo Papa), mas atira logo a primeira pedra quando sabe que alguma moça (levada talvez por um impulso amoroso sincero) deu um mau passo.

\* \* \*

O catolicão recebe de mau humor o pobre sujeito que lhe vem pedir um auxílio. Mas empresta a juros a 10% ao mês, não podendo ignorar que a Igreja sempre condenou tão violentamente a usura que os homens do comércio, para tapeá-la, forma obrigados a inventar a nota promissória.

\* \* \*

O catolicão, quando avista uma igreja, finge consertar os cabelos para se descobrir diante do símbolo augusto de sua fé - a Cruz. Mas, ao passar diante do grande industrial, ou do Banco do Brasil, tira o chapéu até o chão, numa vasta reverência.

\* \* \*

O catolicão não procura conhecer o pensamento da Igreja a respeito das grandes questões e dos problemas que agitam o mundo. Relativamente à questão social, ele acha que há muito exagero, que os operários são muito bem pagos, que a polícia resolve tudo, e que “essa gente, o que precisa é de cadeia”. Quanto aos últimos Papas que se levantaram contra o liberalismo econômico, contra o individualismo burguês, e que apresentam as diretrizes seguras que deverão presidir a nova sociedade comunitária cristã, o nosso amigo os acha “políticos”. Quanto ao Pio XI, é um marxista, um comunista. E quanto aos comunistas: São demônios, filhos do inferno, aliados do Satanás (linguagem também freqüente na boca de certos padres). Não adianta explicar que a Igreja, pela voz de seus mais autorizados guias, manda distinguir a intolerância dogmática da intolerância social: não adianta

apresentar a encíclica de Leão XIII, *Graves de communi*, onde se recomenda uma serenidade, uma clemência, um amor especiais aos nossos adversários, considerados individualmente: O catolicão não quer ouvir, pretexta um trabalho urgente, e toma o ônibus depressa, respirando satisfeito ao verificar que os cavalarianos passeiam para lá, para cá, sinal certíssimo de que tudo está em ordem na consciência do catolicão, no seu palacete, nos palacetes de seus respeitáveis amigos, e no universo inteiro.

\* \* \*

O catolicão diz-se patriota. Ignora que os elementos vitais das raízes mais profundas que formam a Pátria são geralmente trazidos pelo povo, que trabalha mais, que luta mais, que constrói a língua, fornece materiais preciosos para o poeta, para o músico, para o cineasta, para o dirigente social. Confunde este são e forte patriotismo, pregado pela Igreja, com um nacionalismo estreito, mesquinho, condenado por ela. Um nacionalismo que não se incomoda com os nossos irmãos de outras pátrias, que é a navegação de consciência católica - isto é, universal, ecumênica; indigno de um discípulo daquele que se dirigiu a todos os homens, até a consumação dos séculos, recomendando-lhes: "Sede UM, como eu sou com meu Pai celeste". O catolicão se esquece de que a lei evangélica é extensiva não só ao indivíduo como à vida social e coletiva.

\* \* \*

O catolicão possui um senso tão agudo de propriedade que acredita ser a burrice a propriedade dele só. Ninguém mais tem o direito de ser burro. Os catolicões tiraram patente. Um indício seguro para se reconhecer o catolicão: ele tem um inexcusável mau gosto em matéria de arte e literatura. O catolicão prefere tudo o que é insípido, incolor, aguado. Repugnam-lhes os alimentos fortes, os tons violentos, precisos. Em literatura é pelo bobalhão Coppée, em pintura pelo adocicado Bouguereau. Não sei se foi a Casa Sucena que determinou o catolicão, ou se foi o catolicão que determinou a Casa Sucena. Só sei que a Casa Sucena é um fenômeno alarmante - e, além do mais, generalizado. O casa sucenismo reflete-se não só nas imagens, nas estampas, como também na literatura, na música, no cinema, e até mesmo na teologia. O catolicão não aborda os livros de Dom Columba ou de Dom Vonier - mas sabe de cor páginas inteiras de *Uma rosa desfolhada* ou do *Manualzinho da perfeita piedade*. (Que encanto, que delicadeza, que mimo!...) Quando se refere ao Cristo cita logo o “meigo nazareno”. É claro que as solteironas carolas, as ratazanas de sacristia, acham o catolicão “de uma finura, de uma sensibilidade...”

Deus me perdoe; mas eu perderia o ânimo de fazer uma oração diante de uma dessas feias imagens (ou bonitinhas demais), fabricadas em série, que inundam as prateleiras de todas as nossas casas sucenas e igrejas. A vida terrestre da segunda pessoa da santíssima Trindade, Jesus Cristo, o Filho de Deus encarnado, é uma formidável obra de arte, do princípio ao fim. Uma transfiguração contínua. As oferendas que lhe entregamos devem ser produto de uma meditação profunda de uma intensa vida espiritual - e suas realizações orientadas de acordo com os princípios evangélicos e com o espírito eterno da Igreja. Sendo o

catolicismo uma doutrina de vida essencialmente dialética, deve o católico saber que todas as manifestações do espírito humano estão contidas no catolicismo, podendo ser compreendidas à luz do Cristo. Não deve, portanto, o artista católico fixar-se numa fórmula rígida, fixa, presa a uma época ou a um ambiente. Deve procurar o ponto de ligação entre todas as teorias artísticas que vão surgindo, de preferência as mais ousadas, as mais fortes e mais substanciais. O catolicão, sujeito tímido e de mentalidade tacanha, que não trata de engrenar sua cultura nas diversas correntes de espírito, que vão aparecendo no decurso dos tempos, é em grande parte culpado de que muita gente só possa ver na Igreja, essa mestra incomparável da arte, a cidadela da feiúra e do mau gosto.

\* \* \*

No dia de sua morte o catolicão terá uma bruta surpresa: vai constatar que Deus existe!...

